



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

UM DISCÍPULO DE DESCARTES AO SERVIÇO DA RESTAURAÇÃO. JOÃO GILLOT.

CARVALHO, Joaquim de

Ano: 1940 | Número: 50a

Como citar este documento:

CARVALHO, Joaquim de, Um discípulo de Descartes ao serviço da Restauração. João Gillot. *Revista de Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 171-174.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

UM : DISCÍPULO : DE : DES- CARTES : AO : SERVIÇO : DA RESTAURAÇÃO • JOÃO GILLOT •

PELO DR. JOAQUIM DE CARVALHO

PROFESSOR DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



A complexidade de problemas que o sucesso da Aclamação do Duque de Bragança como rei natural e legítimo impôs com inadiável urgência, destaca-se o dos preparativos militares em ordem à defesa e conservação da Independência recuperada.

Dissipados rapidamente os receios dos primeiros dias, dominados os ressentimentos dos interesses criados e das vaidades ofendidas, caldos os vaticínios dos assustadiços, que recordavam o insucesso das alterações de Évora, foi para as fronteiras que se volveram imperativa e ansiosamente os cuidados dos que corajosamente assu-

miram a responsabilidade histórica de firmar a ressurreição do Estado.

«Tudo faltava, e tudo instava pela brevidade», disse Rebêlo da Silva com límpida concisão, mas no atropêlo e improvisação dêsses dramáticos meses a todos os responsáveis pareceu claro que a política militar tinha de ser, como de facto foi pelo Império das circunstâncias, essencialmente defensiva. ¿Podia, porém, a defesa lograr-se com os meios tradicionais de combate?

¿Bastariam, porventura, a reorganização dos quadros militares, a actividade do conselho de guerra e da junta do provimento das fronteiras, a dedicação e o ânimo dos comandos e dos soldados, por mais heróica que fôsse a sua capacidade de sacrifício?

No admirável século do Génio, que viu o desenvolvimento insuspeitado das matemáticas, a criação assombrosa da física, e a aurora das maravilhosas aplicações técnicas, a defesa, para ser eficiente contra o invasor e poupar o sangue dos que lhe faziam face, carecia de se apoiar severamente nos novos dados científicos.

A engenharia militar, baseada nos novos conhecimentos matemáticos e físicos, tornara-se uma das formas capitais da defesa; por isso não surpreende que D. João IV, à falta de portugueses competentes, recorresse aos seus aliados da França e da Holanda para lhe prestarem, além de outras formas de assistência, o concurso precioso de engenheiros especializados.

Graças às beneméritas Investigações do académico Christovam Ayres, na *Historia organica e politica do Exercito Portuguez*, possuímos hoje abundante informação acêrca destes engenheiros, e, em parte, dos seus planos e realizações. De um apenas me desejo ocupar, e tão somente para salientar a interferência do filósofo Renato Descartes no seu contrato e vinda para Portugal.

A notícia da Restauração, acolhida pelos holandeses com esperançosa alegria, pelo golpe que vibrava no poderio castelhano, foi séguida, como se sabe, de vários instrumentos diplomáticos que, por assim dizer, se condensaram na convenção de «tre-goas e cessação de hostilidades», de 12 de Junho de 1641, entre Portugal e as Províncias-Unidas. Descartes, que por então vivia na Holanda, entregue às suas geniais lucubrações, seguia com empenho a vida de um jovem, de nome João Gillot, de família francesa huguenote, que pela sua confissão religiosa emigrara para a Holanda. O filósofo tinha este jovem em grande conta; em carta de 9 de março de 1638, a Constantino Huygens, no ano imediato ao da publicação do *Discurso do método*, dizia ao seu poderoso correspondente que Gillot era «*le premier et presque le seul disciple que j'aie jamais eu et le meilleur esprit pour les mathematiques*» (1), e dias depois, em 31 de Março, em carta ao Padre M. Mersenne, reputava-o «*celuy du monde qui scait le plus de ma Methode*» (2).

Em tão severo julgador, este elogio, além de raro, é altamente significativo. Compreende-se, no entanto. Se é duvidoso, embora muitíssimo provável, que Descartes o houvesse educado sob as suas próprias telhas, é certo que lhe patrocinou o conhecimento e acesso junto da poderosa família dos Huygens de Zuylichem. Assim é que, por 1633, Gillot estava ao serviço de David Le Leu de Wilhem, Conselheiro de Estado, casado com Constantia Huygens, irmã de Constantino (3), graças à protecção de Des-

(1) Esta carta foi pela primeira vez publicada pelo nosso sábio colega e excelente amigo Prof. León Roth na sua sensacional e monumental edição da *Correspondence of Descartes and Constantyn Huygens*, (Oxford, 1926) pág. 75.

(2) Veja-se o t. II, pág. 89, das *Oeuvres* de Descartes, ed. Adam e Tannery. Nesta carta encontra-se ainda a seguinte referência ao «*jeune Gillot*»: «*il pourroit donner plus d'ouverture en vne heure pour l'intelligence de ma Geometrie, que tous les escrits que le scaurois enuoyer.*»

(3) Veja-se a carta de Descartes, de 7 de Fevereiro de 1633, a Wilhem: «*J'ai reçu trois lettres de votre Jean Gillot depuis quelque temps, dont je crois vous devoir rendre compte, pour le désir que j'ai de me conserver l'honneur de vos bonnes grâces. Aux deux premières il se loue extrêmement du bon traitement qu'il reçoit de vous, et témoigne s'estimer heureux d'être à votre service; mais il ajoute qu'il a fort peu de temps à étudier en Mathématiques, et que ses parents lui offrent de l'entretenir à leurs dépens où il voudra, lorsque le temps de son service sera expiré, si*

UM DISCÍPULO DE DESCARTES

cartes, e em 1635, em carta de 28 de Outubro, Constantino Huygens dava parte ao filósofo da estima em que tinha o seu discípulo (1).

Estes factos, altamente significativos, mostram claramente quanto Gillot beneficiava da protecção do seu mestre, junto de uma família tão notável na história política da Holanda e no progresso da física e das ciências exactas.

Gillot correspondia às benemerências do seu protector; em 1636 passou todo o ano junto d'ele, em Leide, e mais tarde, em 1638, acompanhou-o com devoção científica nas polémicas com Fermat acêrca da *Dioptrica* e do *De Maximis et Minimis*, resolvendo até, por incumbência de Descartes, rapidamente, no curto espaço de uma breve visita de dois dias a Santpoort, um teorema do matemático tolosano sôbre os números, que Mersenne enviara ao filósofo, e cuja solução, de 29 de Junho de 1638, posterior e diferente da de Descartes (31 de Março de 1638), o próprio Fermat reconheceu dever ser mantida (2).

Depois de uma breve viagem a Inglaterra, Gillot ensinou as matemáticas, por 1638, com Schooten, na escola militar de Leide, porventura ainda devido à intervenção de Descartes, que por este mesmo ano desejou enviá-lo a Paris para explicar a sua *Geometria* aos matemáticos franceses. A confissão religiosa de Gillot obstou a esta viagem, retendo-o na Holanda, onde por 1640 ensinava as matemáticas aos sobrinhos do príncipe, futuro Guilherme II de Orange.

Gillot, cuja idade regulava então por 26 anos (3), ambicionava um emprêgo estável e rendoso, e foi a Restauração que, afinal, lho proporcionou. A notícia do grande sucesso parece ter sugerido a Descartes a possibilidade de o seu discípulo ser contratado para Portugal como engenheiro militar; se este facto é duvidoso, é no entanto, incontestável que foi a amizade e a interferência do filósofo junto de Constantino Huygens, então conselheiro de Estado, que lhe proporcionaram o contrato e vinda para Portugal.

São três as cartas de Descartes sôbre este assunto, todas dirigidas a Huygens:

1.ª Carta de 16 de Janeiro de 1641, a qual mostra o interesse de Descartes pela colocação do discípulo, apesar das desconfianças e motivos de queixa: *Cependant, Monsieur, ie vous suis obligé du soin que vous avez eu de l'affaire de Gillot,*

ses amis lui conseillent de vous demander son congé. A cela je lui ai par deux fois répondu qu'il apprenait beaucoup de choses en vous servant, qui lui étaient plus nécessaires que l'Algèbre, quand ce ne serait que la civilité, la netteté, la patience et autres telles qualités qui lui manquent, et qu'il devait craindre la liberté comme une sorcière qui le pourrait perdre...».

(1) «J'aurai toujours Jean Gillot en estime, pour avoir bu de sa jeunesse le mystère de vos instructions incomparables; et toujours j'aimerais, pour la bonne nouvelle qu'il m'a portée de la resolution où vous seriez de vous produire à l'ignorance du monde par l'édition de votre *Dioptrique*...»
V. *Correspondence of Descartes*, ed. cit., pág. 2.

(2) Vid. Descartes, *Correspondance publiée avec une introduction et des notes* par Ch. Adam et G. Milhaud, t. I (Paris 1936), págs. 449 e 442-43.

(3) Gillot deve ter nascido à volta de 1614, pois a sua inscrição na Universidade de Leide refere que em 25 de Fevereiro de 1636 finha 22 anos. Descartes, *Correspondance*, cit. ed. Adam e Milhaud, I, pág. 448.

car bien que l'aye esté cy devant fasché contre luy à cause de ses friponneries, le ne laisse pas de prendre encorè part au bien qu'on luy fait, et il m'a tant promis de se rendre honneste homme que le le veux esperer. (Roth, *ed.cit.*, págs. 149-51).

2.a) A carta de Abril de 1641, revela a participação de Huygens no contrato de Gillot: *Monsieur, Celle cy n'est que pour continuer mes Importunitèz à vous recommander le Sieur Gillot pour avoir employ en Portugal. Car il doit auoir apris que ce sera son Altesse qui donnera luy mesme à l'Ambassadeur (de Portugal) tous ceux qu'il doit emmener avec soy, et il est bien ayse d'estre des premiers à offrir son seruicé. Aussy que l'ay parlé à ses parens qui sont fort resolu à luy laisser faire ce voyasge, et le croy qu'il n'est pas mauuais qu'il y mange vn peu de vache enragée, mais néanmoins aux... meilleures conditions qu'il se pourra.*

Il a vû toutes les occasions qui se sont presentées depuis 6 ou 7 ans, comme entre autres les sieges de Breda, de Louuain, et Schencke Schans, et vous sçauèz qu'a ceux qui ont vn peu d'esprit ll n'est pas besoin de longue experience pour estre ingenieurs. Il dit que M.^r de Maisonneue, qu'il a vû aux occasions, luy a promis de le commander. Et pour moy le ne puis dire autre chose sinon que le vous seray entièrement obligé de tout ce qu'il vous plaira faire pour luy, et que le seray toute ma vie, Monsieur, vostre tres obeissant et tres passioné seruiteur, Des Cartes. (Roth, *ed. cit.*, págs. 151-152).

3.a) Carta de 29 de Julho de 1641, na qual Descartes agradece a intervenção decisiva de Huygens: *«Au reste, Monsleür, le vous suis extremement obligé de la condition que vous auez fait obtenir à Gillot; elle est meilleure et plus auantageuse que le ne luy eusse osé souhaiter; Dieu veuille qu'il s'en rende digne. Il a bien assez d'esprit, mais c'est tout ce dont le puisse respondre».* (Roth, *ed. cit.*, pág. 157).

A intervenção de Constantino Huygens, devida, como acabamos de mostrar, ao pedido de Descartes, foi feita junto de Tristão de Mendonça Furtado, primeiro embaixador de D. João IV às Províncias-Unidas, permitindo a cronologia das epístolas cartesianas supor que teve lugar depois da referida convenção de «treguas e cessação de hostilidades», de 12 de Junho de 1641.

Assinado o contrato, possivelmente na Haia, tudo indica que foi neste ano de 1641 que Gillot chegou a Portugal, onde veio a falecer, em posto de combate, em 1657, no cerco de Olivença. Na roda dos cartesianos neerlandeses constava que fôra contratado para ensinar as matemáticas na cõrte portuguesa. Dêste boato se fêz eco Lipstorp, no *Specimina Philosophiae Cartesianae* (Leide, 1653), pág. 85: *Mons. Chilot, nunc Portugalliae Regis mathematicus* (1), e sem dúvida entreteve com o Infante D. Teodósio colóquios matemáticos e de aplicação técnica; porém, foi como engenheiro militar, sequaz do método holandês de fortificação, no juízo de Manuel de Azevedo Fortes, no *Engenheiro Portuguez*, vol. II (Lisboa, 1729), que a sua acção se fêz sentir, notavelmente, sem torpezas, nem trações, como provam os abundantes documentos publicados por Cristóvão Aires.

(1) *Apud Roth, ob. cit.*, pág. 157-8, not. b.